

## APRESENTAÇÃO

O Dossiê Temático “Literatura, Gênero e Raça”, volume 16, Número 43, da Revista de Letras Norte@mentos, se propõe a reunir estudos sobre questões de gênero e raça pelo viés da representação literária. A escritora Carolina Maria de Jesus na narrativa *Quarto de despejo: Diário de uma favelada* (1968) enfatiza que “quando o homem decidir reformar a sua consciência, o mundo tomará outro roteiro”. Objetivando lançar ao mundo um outro roteiro, o conjunto de pesquisas que compõem o volume da revista estabelecem conexões e reflexões de memórias coletivas, de identidades plurais e fronteiras múltiplas. Contemplando a posição crítica de Antonio Candido, a Literatura é agente humanizadora, nesse sentido, não há lugar maior e melhor para as representações ainda pouco tangíveis a vários olhos nus.

Organizado pelos pesquisadores Dr. Jesuino Arvelino Pinto (UNEMAT) e Dra. Ana Cláudia Servilha Martins Poletto (Bolsista PDPG/CAPES/UNEMAT), este Dossiê está composto por vinte e um artigos, uma resenha e um texto literário resultantes dos estudos de gênero, raça, colonialismos, pós-colonialismos, identidades, territorialidades, memórias, escritas marginais e pensamento decolonial. Pensadores/as como bell hooks (1992), Homi Bhabha (1998), Gayatri Spivak (2018), Stuart Hall (2008), Djamila Ribeiro (2019), Grada Kilomba (2008), Kabengele Munanga (2006), Lélia Gonzalez (1981), Regina Dalcastagnè (2018) e outros/as contribuem para importantes debates sobre a luta pela pluralidade de cores, corpos, geografias e narrativas na contemporaneidade. É pelo trabalho coletivo, político e humanizado que espaços hegemônicos, racistas, heteronormativos e xenofóbicos serão lançados a um passado que não nos serve mais.

Este Dossiê se inicia com o artigo “Adapting the villain: a case study of George Wickham”, das pesquisadoras Sandra Sirangelo Maggio e Luana Hastenteufel Vogel, que foca na representação do antagonista George Wickham, do romance *Orgulho e preconceito*, para sua adaptação na websérie *The Lizzie Bennet diaries*. O estudo analítico delinea as principais características que o fazem ser um personagem antagonista e investiga como elas são adaptadas para a websérie e compara-se os dois trabalhos a fim de identificar como os antagonistas foram apresentados nas obras.

Na sequência, as autoras do artigo “*O morro dos ventos uivantes* de Emily Brontë, à luz das análises semióticas das ilustrações de Janaina Tokitaka”, Claudia Maria Ceneviva Nigro e Frida Pascio Monteiro, analisam e interpretam seis ilustrações da obra *O morro dos ventos uivantes* de Emily Brontë, feitas pela ilustradora Janaina Tokitaka, pelo viés dos estudos semióticos. As pesquisadoras intetam desvendar, na abordagem e análises, como toda a densidade da obra é representada semioticamente, como a materialização de todos os sentimentos foram retratados nessa obra-prima da literatura universal em toda a sua complexidade, profundidade e completude.

No texto “*Congresso internacional do medo*, de Grace Passô: uma crítica à razão argumentativa”, Wagner Corsino Enedino e Rômulo Gomes Baena, a partir das contribuições de Vladimir Safatle (2018), concernentes aos processos de argumentação; nos estudos de Jacques Derrida (2008), no que diz respeito ao aspecto místico que permeia a autoridade; nos estudos de Armando Mora, sobre o percurso epistemológico do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein; e nas pesquisas desenvolvidas por Antônio Suárez Abreu (2008) no que tange à arte de argumentar, analisam o drama contemporâneo *Congresso internacional do medo*, da atriz, diretora e dramaturga Grace Passô (2008).

Em “Formas da biografia em dramaturgias negras contemporâneas: uma leitura de *Mercedes*, de Sol Miranda”, Luan Queiroz da Silva, propõe uma discussão a respeito de como a dramaturgia, especialmente a dramaturgia negra contemporânea, vem tomando como uma de suas preocupações a escrita de acontecimentos históricos. Nesse processo, o pesquisador observou que se estabelece uma apropriação de formas da biografia, o que implica um olhar direcionado à maneira com que elementos como a cronologia e o personagem biografado são confeccionados no texto dramaturgico, estas questões são ilustradas a partir da leitura de *Mercedes*, dramaturgia de Sol Miranda, que toma como núcleo da tessitura do drama a vida da bailarina Mercedes Baptista (1921-2016), primeira dançarina negra a compor o balé do Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

A partir dos cadernos de duas escritoras suicidas, Sylvia Plath e Alejandra Pizarnik, a pesquisadora Lara Luiza Oliveira Amaral, no artigo “Eu-outra: manipulação e edição dos diários de escritoras suicidas”, analisa o processo de edição dos diários e seus editores, a fim de evidenciar como essas alterações contribuem para a construção

de diferentes imagens destas mulheres. Segundo Amaral, dentro do quadro de escritores suicidas, o diário, gênero que carrega a intimidade como parte de si, se torna o mais próximo do que se pretende alcançar daquilo que sobra do sujeito-suicida. Tornar público as angústias de um morto exige censuras, cortes, manipulações da imagem ali construída.

Cristina Löff Knapp e Patrícia Pereira Porto, no texto “Vozes da resistência na imprensa feminista do século XIX: a escrita de Prescilina Duarte de Almeida e Maria Clara da Cunha Santos”, tematizam as vozes femininas que ecoaram em resistência à dominação patriarcal na revista *A mensageira*. as pesquisadoras propõem uma reflexão sobre a escrita na imprensa feminista no século XIX, elegendo como corpus de estudo os artigos de Presciliana Duarte de Almeida e Maria Clara da Cunha Santos, que escreveram para a revista *A mensageira*. A revista foi um veículo propulsor da causa feminista e também um importante meio de divulgação da literatura de autoria feminina, que ficou à margem da historiografia literária nacional.

No artigo “Crítica ao *Manual feminino de Ser patriarcalizado em Tú me quieres blanca*, de Alfonsina Storni”, Cristiane de Mesquita Alves analisa *Tú me quieres blanca*, um dos poemas de Alfonsina Storni, publicado em 1918 no livro *El Dulce daño*, com intuito de perceber como a autora confronta os ideais e os costumes morais da sociedade patriarcal em seu tempo, sobretudo no que diz respeito ao corpo feminino, sua educação e representação enquanto categorização social. A pesquisadora utilizou a metodologia bibliográfica a partir de Beauvoir (2009), Bourdieu (2017), Lerner (2019) e outros teóricos que sustentaram a argumentação levantada nesta pesquisa em torno dos temas: feminismo, patriarcado e dominação masculina.

O texto “‘Mãe sofre, minha filha, você vai ver’: maternidade e subjetividade no conto ‘XX + XY’, de Giovana Madalosso”, da estudiosa Ariane Avila Neto de Farias, reflete sobre a construção da subjetividade do sujeito-mãe no conto “XX + XY”, de Giovana Madalosso (2016). Farias salienta que o texto apresenta uma mulher-mãe que sente o peso dos padrões impostos para o seu fazer materno, mas que, em sua ação, coloca em xeque noções acerca do instinto materno, sugerindo que o “tornar-se mãe” é um processo. A análise do texto contribui para a noção de que a mulher-mãe não deve mais ser compreendida pelas bases do patriarcado, mas, sim, em toda a sua pluralidade

de experiências. O debate proposto é realizado com base nos apontamentos de teóricas como Adrienne Rich (1986), Nancy Chodorow (1978) e Elizabeth Badinter (1980).

A pesquisadora Isabela Rodrigues Lobo, em “Um percurso visual por *Outros cantos*: memórias do sertão, viagem e visibilidade em Maria Valéria Rezende”, propõe uma reflexão sobre a relevância do ato de olhar na esfera literária. Examina-se a relação entre a memória, a viagem e a visibilidade no romance *Outros cantos* (2016), de Maria Valéria Rezende. O objetivo é problematizar de que modo a convergência desses três eixos alicerça e traz singularidade para essa obra, visto que há uma amálgama de olhares presentes nos diversos planos temporais da narrativa construídos a partir das viagens, contribuindo para as recordações da protagonista. O arco teórico utilizado abrange os estudos de Georges Didi-Huberman, Walter Benjamin, Flora Süssekind, Sérgio Cardoso, Marilena Chaui e Alfredo Bosi.

Em “‘Úteros de flores palpitando um novo homem’: a ecopoesia de Celeste Queiroz Martinez”, Gilson Antunes da Silva realiza um estudo crítico-analítico de poemas ecologicamente orientados de Celeste Martinez, a fim de evidenciar como a autora representa as questões ambientais no bojo de sua poética. Com base na Ecocrítica e em seus representantes críticos, flagra-se, nessa ecopoética, a existência de elementos da poesia da natureza (a natureza como objeto da representação), da poesia ambiental (os problemas ambientais como pauta) e da poesia ecológica (a preocupação com a linguagem e o modo de representar). Além disso, a autora faz uso de tropos ecocríticos como a poluição, o apocalipse e o mundo natural. A ecopoesia de Celeste Martinez é eclética e aponta para a emergência de um novo paradigma ambiental.

No artigo “A autobiografia presente na crônica de Clarice Lispector”, as estudiosas Solange Santana Guimarães Morais, Maria do Socorro Carvalho e Erika Maria Albuquerque Sousa observam que a autobiografia surge atenta às diversas formas de preservação das memórias individual e coletiva apresentando, além dessas reminiscências, um contexto histórico específico. Ao se estudar crônicas autobiográficas percebe-se que ao mesmo tempo em que o leitor vai se aproximando do escritor, acaba conhecendo, também, fatos históricos, valores, costumes e tradições. O texto dos pesquisadores enfatiza a questão autobiográfica na escrita de Clarice Lispector, buscando explorar os construtos afetivos e históricos presentes nas crônicas: *Banhos de mar* (1969) e *Uma lembrança de uma fonte, de uma cidade* (1970).

*Revista de Letras Norte@mentos*

Em “Podem forma e política andar lado a lado?: a estranhização como técnica no romance *A casa na Rua Mango*, de Sandra Cisneiro”, Ruan Nunes Silva e Sara Resende de Moraes, a partir da constatação da existência de procedimentos metonímicos e metafóricos sob o olhar da protagonista Esperanza, objetivam, com este estudo, identificar a estranhização como uma técnica no romance *A casa na rua mango* (2020), de Sandra Cisneros. Além de utilizar o conceito de estranhização como procedimento de desautomatização da arte, os pesquisadores contam, ainda, com as contribuições de nomes como Souza (2007), Culler (1999), Harris (2005) e Torres (2001) para pensar a questão da literatura e da política. A estranhização se materializa a partir da maneira como a protagonista narra o mundo, promovendo uma desautomatização de alguns sentidos preestabelecidos.

Lizandro Carlos Calegari e Jéssica Casarin, em “Literatura Brasileira contemporânea e violência: uma análise do romance *A revolta dos feios*, de Luana Morena”, analisam a obra *A revolta dos feios* (2018), de Luana Morena, em seu conteúdo e forma, para perceber os reflexos do sujeito fragmentado, exposto à violência na narrativa. Para isso, recorreram a autores como Ginzburg e Schollhammer, que versam sobre literatura contemporânea e brutalismo. O romance tem uma escrita fragmentada, com três focos narrativos, carregada de hibridismo, acelerada e brutal. Isso representa, em sua estética, a contemporaneidade, o trauma, e a perda da dignidade humana.

No artigo “A desconstrução da sexualidade n’*A Vênus das peles*”, o pesquisador Renan Marques Isse observa que, apesar de Sacher-Masoch ter produzido uma vasta literatura adequada ao seu público feminino, a leitura apressada do psiquiatra Krafft-Ebing limitou-a à criação do masoquismo, enquanto prática sexual, a partir da obra-prima do romancista austríaco: *A Vênus das peles*. No entanto, uma série de fatores evidencia o quão limitante foi essa leitura. Neste texto, Isse evidencia como a literatura masochiana se afasta de uma simples representação sexual masoquista ao salientar elementos que denegam a sexualidade nas cenas entre os personagens principais. Partindo de uma leitura colaborativa com a psicologia, demonstra que as peças de vestuário, sobretudo a *kazabaika*, possuem um papel fundamental para negar a sexualidade na obra.

No texto “O malandro como crítica social em ‘O trabalho sujo dos outros’, de Ana Paula Maia”, Altamir Botoso e Renan da Silva Dalago analisam um dos protagonistas de “O trabalho sujo dos outros”, uma narrativa que faz parte do livro *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*, de Ana Paula Maia, que tece uma crítica feroz aos tempos modernos. Para isso, a autora se utiliza do personagem malandro, que diz respeito a certas qualidades específicas identificadoras de um indivíduo sem raízes, que procura integrar-se à sociedade. Ele vale-se de expedientes como o engano para se manter num espaço marcado pela falta de solidariedade e empatia.

Em “Imagens do amor na poética de Leonilda Hilgenberg Justus e Olga Grechinski Zeni”, o estudioso Vanderlei Kroin pontua que o amor é essencial à vida, de modo que é tema e motivo presente em obras literárias em variados tempos e espaços. Do Oriente à Grécia e desta à contemporaneidade dos poetas e escritores menos conhecidos, o sentimento amoroso está presente. Nesse sentido, o Kroin analisa a presença de imagens poéticas do amor que se apresentam consubstanciais e estruturantes nas obras das autoras paranaenses Leonilda Hilgenberg Justus (1923-2012) e Olga Grechinski Zeni (1921-2018). Para tanto, a análise está fundamentada nos preceitos teórico/críticos de Rougemont (1988), Lewis (2017), Jung (2005), Paz (1994) entre outros.

As pesquisadoras Madalena Aparecida Machado, Vanderluce Moreira Machado Oliveira e Sara Freitas Maia Silva, em “O jardineiro em “A mulher ramada”, de Marina Colasanti: o homem constituído pelo trabalho”, apresentam uma leitura crítica do conto “A mulher ramada”, de Marina Colasanti, presente na obra *Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento* (2006). Especificamente, observam os aspectos composicionais do conto, responsáveis por uma constituição gradual do personagem protagonista, o jardineiro, que parece ser condicionado pelo trabalho na medida em que transfere atos próprios do ofício de jardinagem às suas relações interpessoais, principalmente à sua relação amorosa com Rosamulher.

No artigo “Imperialismo, orixalidade e conformação identitária em ‘Dublê de Ogum’, de Cidinha da Silva”, Luan Paredes Almeida Alves e Fábio Júnio Vieira da Silva analisam a narrativa “Dublê de Ogum”, disponível na coletânea *Exuzilhar: melhores crônicas de Cidinha da Silva* (2019). Sob a ótica do conceito de literatura afro-brasileira, bem como a partir da perquirição de temas como imperialismo,

representatividade, orixalidade e identidade, investigam o *modus operandi* da cronística de Cidinha da Silva por meio da configuração dos seus personagens em um contexto dominado pela indústria cultural estrangeira, na qual se percebe uma obliteração das manifestações identitárias decorrentes da ancestralidade afro-diaspórica. Outrossim, procura-se compreender a psique do protagonista da crônica, a sua relação com o orixá Ogum, que se manifesta em seus sonhos, e como isso afeta a sua autoimagem.

Ivânia Campigotto Aquino e Airton Pott, no texto “O jogo esquemático entre “você”, “ele” e “eu”: análise possível das catáforas e anáforas em *O avesso da pele*”, pontuam que o romance contemporâneo *O avesso da pele* (2020) é composto por inúmeras estratégias elaboradas e desenvolvidas pelo autor Jeferson Tenório que auxiliam para a qualidade literária. Cada seção é formada por partes diferentes, mas que possuem um jogo constituído principalmente pelos pronomes “você”, “ele” e “eu”, reportando-se a diferentes personagens, muitas vezes de forma anafórica ou catafórica. Logo, é este jogo que os pesquisadores analisam sob o aparato teórico de Marcuschi (2001) e Rocha e Silva (2017) atrelado aos estudos sobre a recepção do texto realizada pelo leitor e o jogo do texto teorizados por Iser (1999, 1979) e Jauss (1979, 1994).

Em “Literatura negra: representação e (re) construção da identidade”, Francisco Fábio Pinheiro de Vasconcelos e Eusana Maria Pereira de Almeida discutem a inserção da Literatura negra na sala de aula, pois acreditam que as atividades de leitura de tais textos podem colaborar para a ampliação da competência leitora dos educandos e suscitar reflexões que favorecem o aprimoramento de valores, que respeitem e reconheçam adequadamente a diversidade étnico-racial, possibilitando a (re)elaboração da identidade dos sujeitos envolvidos, tornando-os mais proficientes, ativos e críticos. As discussões são norteadas pelos estudos sobre o racismo mascarado de Abdias Nascimento (2016), a literatura negra e sua representatividade de Cuti (2002), Dalcastagnè (2012) e Evaristo (2009), dentre outros autores que estudam o presente viés temático..

No texto que encerra a sessão de artigos do Dossiê, “O corpo indígena e a construção estereotípica em *Tybyra*: uma tragédia indígena brasileira, de João Nyn” , Claudia Miranda da Silva Moura Franco e Marília Gabriela Barros de Moraes observam que o homem incomum, aquele que foge dos padrões ditos normais pela sociedade, incomoda o processo de organização social de poder; o indígena, porém, destaca-se

como indivíduo para além de existência ameaçada, trata-se de um processo de marginalização constante, seu corpo é socialmente permeado por vários processos de significação estereotípicas e, em pleno século XXI, ainda carregado de ações de silenciamento. Dessa forma, as pesquisadoras discutem o imaginário social europeu ante os costumes e práticas indígenas considerando estigmas, preconceitos e a negligência das diversidades culturais presentes. Para a análise metodológica, utilizou-se a pesquisa bibliográfica que justificaram perceber as ações do colonizador como silenciadoras, bem como identificar a literatura de protagonismo indígena como uma constituição ideológica que oferece releituras importantes para além dos textos canônicos. O estudo corrobora para a compreensão das concepções indígenas evidenciando a literatura oral como fonte de diálogo enriquecedor sobre nossas raízes

Na sessão “Resenhas”, Mariana Soletti da Silva nos apresenta a obra *Pequena coreografia do adeus*, da romancista Aline Bei, publicada em 2021 pela Companhia das Letras. Finalizando o Dossiê Temático, na seção “Textos Literários”, temos o texto “Várias mulheres órfãs e suas letras sem destinos, ou: pensando sobre literatura a partir da minha avó”, de Isabella Giordano Bezerra, segundo a autora um “ensaio sobre a concepção de literatura a partir da orfandade da minha avó”.

Em nome dos organizadores e de toda equipe editorial, desejamos a todos uma boa leitura e registramos nossos agradecimentos aos avaliadores e aos autores que colaboraram com este Dossiê, Volume 16, Número 43.

**Organizadores do Dossiê**

Dr. Jesuino Arvelino Pinto (UNEMAT)

Dra. Ana Cláudia Servilha Martins Poletto (Bolsista PDPG/CAPES/UNEMAT)